

***Prólogo*** das homilias

***Os Dois Mandamentos da Caridade e os  
Dez Mandamentos da Lei***  
(*In Duo Praecepta Caritatis et  
in Decem Legis Praeceptis Expositio*)

por

**São Tomás de Aquino**

O texto aqui reproduzido é uma pequena parte do que se conhece como as grandes homilias de Nápoles, pregadas por São Tomás de Aquino quando da época de seu retorno a esta cidade no ano de 1272. Nesse período, o professor e santo centrava-se no estudo das Cartas de São Paulo e dos Salmos, e, paralelamente, retomava a Terceira Parte da *Suma Teológica*, dedicada aos Mistérios da Vida de Jesus.

As aproximadamente 39 grandes homilias dessa época têm como tema os textos chaves da doutrina da Igreja Católica, a saber: o Credo, o Pai-Nosso e a Ave-Maria, e os Mandamentos. Os dois primeiros temas foram expostos durante a Quaresma do ano de 1273. O último, os Mandamentos, não se sabe ao certo. Neste há referência aos outros textos, mas, pode ter sido algo que já estivesse previamente definido nos estudos de Tomás de Aquino, uma vez que os três temas formam um conjunto ligado entre si.

Reproduzimos a seguir a homilia que é considerada o prólogo das exposições dedicadas aos Mandamentos. Esse *Prólogo* também é conhecido como *O Mandamento da Caridade*. O texto de todas essas homilias, tal qual temos acesso, não foi escrito pelo pregador mas por estenógrafos que o recolhiam. Acredita-se que escreviam diretamente em latim, à medida que São Tomás ia pregando no dialeto napolitano. Este método era comum e não altera o valor dessas obras. Especificamente o *Prólogo* em questão foi estenografado por Pedro de Andria, amigo, aluno e experiente secretário de São Tomás.

Todas essas grandes homilias correspondem à maturidade de São Tomás de Aquino e no contexto de sua vida, cuja morte ocorreu no ano de 1274, podem ser consideradas uma espécie de síntese final como teólogo e sacerdote. São mais que isso, porém, são frutos da vivência humilde, obediente e orante de um santo que reconheceu ser sua vocação pregar a todo o tipo de pessoa as verdades da fé, o Mistério de Deus e o sentido da vida humana.

É um texto breve, simples e belo.

## Prólogo

### D)

Três coisas são necessárias à salvação do homem, a saber,

- a ciência do que se há de crer;
- a ciência do que se há de desejar;
- e a ciência do que se há de operar.

A primeira nos é apresentada no Credo, por meio do qual nos é ensinada a ciência dos artigos da Fé. A segunda, na oração do Pai-Nosso. A terceira, na Lei.

Agora, a nossa intenção é acerca da ciência do que se há de operar, pelo estudo da qual encontramos quatro leis.

#### a. A Lei da Natureza

A primeira lei é dita lei da natureza, e esta nada mais é do que a luz da inteligência posta em nós por Deus, pela qual conhecemos como devemos agir e o que devemos evitar. Esta Luz e esta Lei, Deus a deu ao homem na criação, mas muitos acreditam dela poderem desculpar-se por ignorância se não a observarem. Contra estes diz, porém, o profeta no Salmo quarto (Sl 4,7):

*“Muitos dizem:  
Quem nos mostrará o bem?”*

como se ignorassem o que deveriam fazer. Mas o próprio profeta, no mesmo lugar, responde:

*“Sobre nós está assinalada  
a luz do teu Semblante, ó Senhor”.*

Luz, a saber, do intelecto, pela qual nos é dado a conhecer como devemos agir. De fato, ninguém ignora que aquilo que não quer que seja feito a si, não deve fazer ao outro, e outros princípios semelhantes.

#### b. A lei da concupiscência.

Posto, porém, que Deus na criação deu ao homem esta lei, a da natureza, o diabo, todavia, semeou sobre esta uma outra lei, a da concupiscência. Com efeito, no primeiro homem a alma estava submetida a Deus, observando os preceitos divinos, e também a

carne estava submetida em tudo à alma e à razão. Mas depois de o diabo ter, por sugestão, subtraído o homem da observância dos preceitos divinos, também a carne se tornou desobediente à razão. De onde aconteceu que ainda que o homem queira o bem segundo a razão, todavia é inclinado ao contrário pela concupiscência. E isto é o que nos diz o Apóstolo no sétimo de Romanos:

*“Mas vejo outra lei nos meus membros  
que se opõe à lei da minha razão”.*

Daqui é que freqüentemente a lei da concupiscência corrompe a lei da natureza e a ordem da razão, e por isso acrescenta o Apóstolo:

*“Acorrentando-me à lei do pecado”. Rm 7, 23*

#### c. A lei da Escritura, ou do temor.

A lei da natureza, pois, estava destruída pela lei da concupiscência. Fazia-se, portanto, necessário que o homem fosse restituído às obras da virtude e fosse afastado dos vícios. Para isto foi necessária a lei da Escritura.

Deve-se saber, porém, que o homem é afastado do mal e induzido ao bem por duas coisas, a primeira das quais sendo o temor. De fato, o que mais do que outros princípios nos começa a conduzir no sentido de evitar o pecado é a consideração das penas do inferno e do juízo final. Por isso é que o Eclesiástico nos diz:

*“O início da Sabedoria  
é o temor do Senhor”*,

e também:

*“O temor do Senhor  
expulsa o pecado” Ecl 1, 27, Vulgata*

pois, ainda que aquele que não peca por temor não seja justo, todavia, daqui começa a sua justificação. É deste modo que o homem é afastado do mal e induzido ao bem pela lei de Moisés, que aos transgressores punia com a morte:

*“Quem transgride a Lei de Moisés  
é condenado à morte, sem piedade,  
com base em duas ou três testemunhas”. Hb 10, 28*

#### **d. A lei Evangélica, ou do amor.**

Mas porque o modo do temor é insuficiente, também a lei dada por Moisés, que usava o modo de afastar o mal pelo temor, foi insuficiente. De fato, ainda que obrigasse a mão, não obrigava a alma. Era preciso um outro modo para afastar do pecado e induzir ao bem, a saber, o modo do amor. Assim, foi dada a lei de Cristo, ou seja, a lei Evangélica, que é lei de amor.

Deve-se considerar, entretanto, que entre a lei do temor e a lei do amor são encontradas três diferenças.

##### **1. A lei do amor torna livre.**

Primeiro, a lei do temor faz de seus observantes servos, enquanto a lei do amor os faz livres. Pois quem opera somente pelo temor opera como escravo; quem, porém, o faz por amor, o faz por modo de livre, ou de filho. Assim, diz o Apóstolo:

*“Onde está o Espírito do Senhor,  
lá está a liberdade”, 2Cor 3, 17*

porque, a saber, estes por amor agem como filhos.

##### **2. A lei do amor introduz nos bens celestes.**

A segunda diferença está em que os observadores da primeira lei eram introduzidos aos bens temporais, conforme diz Isaías:

*“Se quiserdes, e me ouvirdes,  
comereis dos bens da terra”. Is 1, 19*

Mas os observadores da segunda lei são introduzidos aos bens celestes:

*“Se queres entrar na vida,  
observa os mandamentos”. Mt 19, 17*

E também:

*“Arrependei-vos,  
porque o Reino de Deus está próximo”. Mt 3, 2*

##### **3. A lei do amor é leve.**

A terceira diferença é que a primeira é pesada:

*“Por que tentais a Deus,  
impondo ao pescoço dos discípulos  
uma carga que nem os nossos pais,  
nem nós mesmo podemos suportar?” At 15, 10*

A segunda, porém, é leve:

*“O meu jugo é suave,  
e o meu fardo é leve”. Mt 11, 30*

E também, diz o Apóstolo:

*“Não recebestes um espírito de escravos  
para recairdes no temor,  
mas recebestes um espírito  
de filhos adotivos”. Rm 8, 15*

##### **Conclusão: simplicidade e retidão da lei de Cristo.**

Assim, portanto, como foi dito, encontram-se quatro leis, a primeira sendo a lei da natureza, que Deus infundiu no homem na criação, a segunda a lei da concupiscência, a terceira a lei da Escritura, a quarta a lei da Caridade e da Graça que é a lei de Cristo.

Como, porém, é evidente que nem todos podem ser versados na ciência, foi-nos dada por Cristo uma lei breve, para que todos pudessem saber, e ninguém por ignorância pudesse escusar-se de sua observância. E esta é a lei do amor divino. Como diz o Apóstolo:

*“Fará o Senhor  
uma palavra abreviada  
sobre a terra”. Rm 9, 28*

## **II)**

Deve-se saber, ademais, que esta lei tem de ser a regra de todos os atos humanos. Com efeito, assim como vemos nas obras de arte, em que cada

obra é considerada boa e correta quando segue a regra da arte, assim também qualquer ação humana é reta e virtuosa quando concorda com a regra do amor a Deus. Quando, porém, discorda desta regra, não é boa, nem reta, nem perfeita. Portanto, para que os atos humanos se tornem bons, é necessário que concordem com a regra do amor a Deus.

### III)

Deve-se saber, também, que esta lei, do amor a Deus, produz quatro grandes efeitos no homem, imensamente desejáveis.

#### 1. O amor causa a vida espiritual.

O primeiro efeito causa nele a vida espiritual.

É, de fato, manifesto que o amado está presente naquele que o ama e por isto, quem a Deus ama, tem-nO a Ele dentro de si:

*“Quem permanece na caridade  
permanece em Deus,  
e Deus permanece nele”.* 1Jo 4, 16

A natureza do amor é tal que transforma quem ama naquilo que ama; assim, se amamos coisas vis e caducas, vis e instáveis nos tornamos:

*“Fizeram-se abomináveis  
como o objeto do seu amor”.* Os 9,10

Se, porém, a Deus amarmos, divinos nos tornaremos, porque, como está escrito:

*“Aquele que se une ao Senhor,  
constitui com Ele um só espírito”.* 1Cor 6, 17

Neste sentido é que Santo Agostinho diz que “assim como a alma é a vida do corpo, assim Deus é a vida da alma”, e isto é evidente. Dizemos que o corpo vive pela alma quando apresenta as operações próprias da vida, quando age e se move. Apartando-se, porém, a alma, nem o corpo age, nem se move. Assim também a alma opera virtuosa e perfeitamente quando opera pela Caridade, pois Deus habita nela. Sem a Caridade, porém, morre.

*“Aquele que não ama  
permanece na morte”.* 1Jo 3, 14

Deve-se considerar, também, que se alguém tiver todos os dons do Espírito Santo menos a Caridade, não tem a vida. Seja, de fato, o dom das línguas, seja o dom da fé, ou seja qualquer outro dom, sem a Caridade não tem vida. Se a um corpo morto vestirmos de ouro e pedras preciosas, não obstante isto, morto permanece. Causar a vida espiritual é, portanto, o primeiro dos efeitos da caridade.

#### 2. O amor causa a observância dos mandamentos.

O segundo efeito da Caridade é a observância dos mandamentos divinos. Diz São Gregório:

*“Nunca o amor de Deus é ocioso.  
Onde se encontra faz grandes coisas.  
Se nada faz, é porque não é amor.”*

Por isso, é evidente que o sinal da Caridade é a prontidão no cumprimento dos preceitos divinos. Vemos, de fato, os que amam operar por causa do amado coisas grandes e difíceis. Diz também o Evangelho de João:

*“Se alguém me ama,  
guardará as minhas palavras”.* Jo 14, 23

Mas quem observa o mandamento e a lei do amor divino cumpre toda a lei. Pois há dois modos de mandamentos divinos. Alguns são afirmativos, e estes a Caridade cumpre-os, pois a plenitude da lei e dos mandamentos consiste no amor. Já outros são proibitórios, e estes também a Caridade cumpre, porque

*“não age maldosamente”,*

como diz o Apóstolo na primeira aos Coríntios (1Cor 13, 5).

#### 3. O amor é refúgio contra as adversidades.

Em terceiro lugar, a Caridade nos dá refúgio contra as adversidades. Ao que tem Caridade, nenhuma adversidade causa dano, antes, se converte

em coisa útil:

*“Todas as coisas cooperam  
para o bem dos que amam a Deus”. Rm 8, 28*

As coisas adversas e difíceis parecem suaves para os que amam, como entre nós o vemos manifestamente.

#### **4. O amor conduz à eterna bem aventurança.**

O quarto efeito da caridade é o de conduzir à felicidade. A bem-aventurança eterna só está prometida a quem tem Caridade, pois todas as outras coisas sem a Caridade são insuficientes:

*“Desde já me está reservada  
a coroa de justiça,  
que me dará o Senhor,  
justo juiz, naquele Dia.  
E não somente a mim,  
mas a todos os que tiverem esperado  
com amor a sua Aparição”. 2Tm 4 , 8*

E deve-se saber que os graus na bem aventurança futura são definidos segundo os graus da Caridade, e não segundo qualquer outra virtude. Muitos homens fizeram maior abstinência do que os Apóstolos, mas na bem aventurança eles são superiores a todos os outros por causa da excelência da sua Caridade. Eles receberam as primícias do Espírito, como diz o Apóstolo no oitavo de Romanos (Rm 8, 30). De onde que a diferença da bem aventurança provém da diferença da Caridade. E assim são patentes as quatro coisas que em nós faz a Caridade. Além destas, porém, a Caridade faz outras coisas que não se devem deixar passar.

#### **5. O amor produz o perdão dos pecados.**

Primeiro, causa o perdão dos pecados, algo que já vemos acontecer em nós. Porquanto, se alguém ofender algum homem e, posteriormente, arrependido, lhe manifestar sincera amizade, a ofensa prévia fica esquecida, devido a essa amizade. Assim também Deus perdoa os pecados dos que o amam:

*“O amor cobre  
uma multidão de pecados”. 1Pd 4, 8*

E diz bem o apóstolo “cobre”, porque é como se Deus não os visse e assim não os punisse. E ao afirmar que “cobre uma multidão”, Pedro quer dizer como Salomão diz no décimo de Provérbios que

*“o amor cobre  
todas as ofensas” Pr 10, 12*

o que o exemplo da Madalena claramente manifesta:

*“São-lhe perdoados  
muitos pecados”,*

e a causa é mostrada:

*“já que muito amou”. Lc 7, 47*

Mas talvez alguém dirá: Se a Caridade é suficiente para eliminar os pecados, não é necessário o arrependimento. Deve-se considerar, porém, que ninguém verdadeiramente ama, que não se arrependa verdadeiramente. É claro que quanto mais amamos alguém, tanto mais nos dói se a ofendemos, e isto é um efeito da Caridade.

#### **6. O amor produz a iluminação do coração.**

A Caridade causa também a iluminação do coração. Com efeito, assim diz o livro de Jó:

*“Estamos todos  
envolvidos em trevas”. Jó 37, 19, Vulgata*

Por isso, freqüentemente, esquecemos o que devemos fazer ou desejar. A Caridade ensina porém tudo o que é necessário à salvação. Por isto está escrito:

*“a sua unção  
vos ensinará tudo”. 1Jo 2, 27*

Isto acontece porque onde está a Caridade, aí está o Espírito Santo,

que tudo sabe e que “conduz no caminho reto”, como está escrito no Salmo 139(138), 24. E por isso diz também o Eclesiástico (2, 10, Vulgata):

*“Vós, que temeis a Deus, amai-O,  
e se iluminarão os vossos corações”,*

### **7. O amor aperfeiçoa a alegria.**

A caridade também aperfeiçoa no homem a alegria. Ninguém pode ter a verdadeira alegria a não ser existindo na Caridade. Pois, nas coisas temporais sucede que o que não se tem nos é apetecido, e o que se tem é desprezado e gera o tédio. Mas não é assim nas coisas espirituais; antes, ao contrário, quem a Deus ama, a Deus possui, e por isso, a alma de quem O ama e O deseja n’Ele repousa. De fato,

*“Quem permanece na caridade,  
permanece em Deus,  
e Deus permanece nele”,*

como está dito no quarto da primeira Carta de João (1Jo 4, 16).

### **8. O amor produz a paz perfeita.**

Igualmente, a Caridade produz a paz perfeita. Pois acontece às coisas temporais as desejarmos continuamente, mas obtidas as mesmas, ainda não descansamos, antes, ao contrário, obtida uma, outra nos apetece:

*“O coração do ímpio  
é como um mar revoltado,  
que não pode repousar”. Is 57, 20*

E também, no mesmo lugar:

*“Não há paz para o ímpio,  
diz o Senhor”.*

Mas isso não acontece com a Caridade para com Deus. Quem, de fato, ama a Deus tem a paz perfeita:

*“É grande a paz dos que amam a Tua lei,  
e não há tropeço para eles”. Sl 119(118), 165*

E isto porque só Deus é capaz de satisfazer o nosso desejo, porquanto Deus é maior do que o nosso coração, como diz o Apóstolo (1Jo 3). E por isso diz também Santo Agostinho no primeiro capítulo das *Confissões*:

*“Fizeste-nos, ó Senhor, para ti,  
e o nosso coração está inquieto  
enquanto não repousa em ti”.*

E também:

*“Ele sacia de bens os teus anos”. Sl 103(102) 5*

### **9. O amor dignifica o homem.**

A Caridade também dá grande dignidade ao homem. Todas as criaturas servem à divina majestade, e para isso foram feitas, assim como as coisas artificiais servem ao artífice. Mas a Caridade faz do servo um livre e um amigo. De onde diz o Senhor:

*“Já não vos chamarei de servos,  
mas de amigos”. Jo 15, 15*

Mas porventura Paulo e os outros Apóstolos não chamam a si de “servos de Deus”?

Quanto a isto deve-se saber que há dois tipos de servidão. O primeiro vem do temor, e este é penoso e não meritório. Se alguém se afasta do pecado somente pelo temor da pena, não tem mérito por isso. Mantém-se servo.

O segundo tipo vem do amor. Se alguém age, não por temor da justiça, mas por amor a Deus, não age como servo, mas como livre, porque voluntariamente, e é por isto que Cristo diz:

*“Já não vos chamarei  
mais de servos”.*

E porque razão? A isto responde o Apóstolo:

*“Não recebestes o espírito de escravos  
para recairdes no temor,  
mas recebestes o espírito  
de filhos adotivos”. Rom. 8, 15*

O temor, portanto, não existe na Caridade, como está dito na Primeira Carta de João (1Jo 4). O temor tem tormento, a Caridade, deleitação. A Caridade nos faz não somente livres, mas, também, filhos, para que, a saber:

*“sejamos chamados filhos de Deus  
e de fato o sejamos”. 1Jo 3*

Com efeito, o estranho se torna filho adotivo quando adquire o direito na herança de Deus, que é a vida eterna. Pois, como diz Romanos:

*“O próprio Espírito  
se une ao nosso espírito para testemunhar  
que somos filhos de Deus.  
E se somos filhos,  
somos também herdeiros;  
herdeiros de Deus  
e co-herdeiros com Cristo”. Rm 8, 16-17*

E também:

*“Eis que agora o contam  
entre os filhos de Deus”. Sb 5, 5*

IV)

#### **O amor de Caridade só pode ser alcançado pela Graça.**

Do que já foi dito fica clara a utilidade da Caridade. Pois que, se ela é tão valiosa, devemos trabalhar atentamente para adquiri-la e conservá-la. Deve-se saber, porém, que ninguém pode por si mesmo possuir a Caridade. Antes, ao contrário, é dom inteiramente de Deus. Por isso, diz João:

*“Não fomos nós que amamos a Deus,  
mas foi Ele quem nos amou primeiro”, 1Jo 4, 10*

porque o amor que Ele nos tem não é causado pelo amor que nós lhe temos, mas pelo contrário. É o amor que Ele tem por nós que causa o amor que temos por Ele.

Considerando todos os dons que recebemos do Pai da Luz, este dom, a Caridade, excede todos os demais.

Os outros dons podem ser obtidos sem Caridade e sem o Espírito Santo; mas para receber a Caridade é preciso ter o Espírito Santo:

*“O amor de Deus  
foi derramado nos nossos corações  
pelo Espírito Santo que nos foi dado”. Rm 5, 5*

Seja o dom das línguas, seja o dom da ciência ou o da profecia, podem ser possuídos sem a Graça e o Espírito Santo.

V)

#### **Disposições para alcançar de Deus a Graça da Caridade.**

Embora a Caridade seja um dom divino, para recebe-la, todavia, é necessária uma disposição de nossa parte. Por isso deve-se saber que duas atitudes são necessárias para obter a Caridade, e duas outras para aumentar a Caridade já obtida.

A.

Para obter, pois, a Caridade, a primeira atitude é ouvir com amor a palavra de Deus. Isto é também suficientemente claro nas coisas que nos são próximas. Ao ouvirmos dizer bem de uma pessoa, ficamos dispostos a amá-la. Do mesmo modo, os que ouvem a palavra de Deus, são acesos no seu amor:

*“A tua palavra é um fogo ardente,  
e o teu servo a amou”. Sl 119(118), 140, Vulgata*

E também:

*“A palavra do Senhor o inflamou”. Sl 105(104), 19*

Por esta causa aqueles dois discípulos, ardendo do amor divino, diziam:

*“Porventura não ardia o nosso coração  
enquanto ele nos falava pelo caminho  
e nos explicava as Escrituras?” Lc 24, 32*

E como também se lê no décimo dos Atos dos Apóstolos, quando Pedro ainda estava pregando o Espírito Santo caiu nos ouvintes da palavra divina. (At 10, 44)

E o mesmo frequentemente acontece nas pregações, até aos que se aproximam com coração duro; pela pregação da palavra, amolece o coração e são conduzidos ao amor de Deus.

A segunda atitude necessária para obter a Caridade é pensar continuamente no bem.

*“Aqueceu-se o meu coração dentro de mim”. Sl 39(38),4*

Se, portanto, queres obter o amor de Deus, medita no bem. Muito duro seria o coração daquele que, ao pensar nos benefícios que Deus lhe concedeu, nos perigos de que o livrou e na bem aventurança que lhe é prometida, não se abrasasse no amor divino. Daí que diga Santo Agostinho:

*“Duro é o coração daquele que, não sendo o primeiro a amar, não retribua ao menos o amor que lhe têm”.*

Podemos dizer em geral que, assim como os pensamentos maus destróem a Caridade, assim os bons a obtêm, alimentam e conservam. Por isso, nos é ordenado:

*“Tirai da minha vista os vossos maus pensamentos”. Is 1, 16*

E também:

*“Os pensamentos tortuosos afastam de Deus”. Sb 1, 3*

## **B.**

Há também duas atitudes que aumentam a Caridade que habita em nós. A primeira é afastar o coração das coisas terrenas. O coração não pode entregar-se a coisas diversas. Ninguém pode amar a Deus e ao mundo ao mesmo tempo. Assim, quanto mais nossa alma se afasta do amor às

coisas terrenas, tanto mais firmemente se prende ao amor divino. Assim, diz Santo Agostinho no Livro 83 das Questões:

*“O veneno que mata a Caridade é a esperança de alcançar e reter os bens temporais.*

*O alimento da Caridade é a redução da cobiça, a sua perfeição é a falta de cobiça, porque a cobiça é a raiz de todos os males”*

Quem quer que deseje alimentar a Caridade, insista em diminuir a cobiça.

A cobiça é o amor de alcançar e obter os bens temporais. O início de sua diminuição é o temor de Deus, o qual não pode somente ser temido, sem amor. É a isto que se dirigem as regras das ordens religiosas, nas quais e pelas quais a alma é retirada das coisas mundanas e corruptíveis e dirigida para as divinas. Isto é assinalado pela frase:

*“Refulgiu o Sol, que antes estava entre nuvens”. 2Mc 1, 22*

O Sol representa o espírito humano, que está entre nuvens quando se entrega às coisas terrenas. Mas, refulge porém quando se afasta e se retira do amor das coisas terrenas. Resplandesce, então, e nele cresce o amor divino.

A segunda atitude que aumenta a caridade é a firme paciência na adversidade. Sabemos que ao suportarmos dificuldades por alguém que amamos, esse amor não é destruído; antes, ao contrário, é fortalecido:

*“As águas da torrente”,*

isto é, as grandes tribulações,

*“não puderam extinguir a caridade”. Ct 8, 7*

Assim, os santos que por Deus suportam adversidades, mais se firmam em seu amor, assim como o artífice mais amará aquela sua obra na qual

mais trabalhou. E é por isso que os fiéis, quanto piores aflições suportam por Deus, tanto mais são elevados no seu amor:

*“Multiplicaram-se as águas”,*

isto é, as tribulações,

*“e elevaram a arca ao alto”, Gn 7, 17*

isto é, a Igreja, ou a alma do homem justo.



Políptico do *Vale Romita*, [ao centro *A coroação da Virgem*] c. 1400. Têmpera sobre painel. Pintado por Gentile da FABRIANO. Pinacoteca di Brera, Milão



*São Tomás de Aquino* (detalhe superior à direita, do Políptico do *Vale Romita* - acima)